

NÓS DA ESCOLA

RIO **PREFEITURA** EDUCAÇÃO



Futebol e identidade nacional



Jogos Pan-americanos
Uma conquista da **PREFEITURA**.
Uma vitória do **RIO**.

ISSN 1676-5141



9 771676 514009 00038

CESAR MAIA
PREFEITO

SONIA MOGRABI
SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

REGINA DE ASSIS
PRESIDENTE DA MULTIRIO

MARCOS OZÓRIO
DIRETOR DE MÍDIA E EDUCAÇÃO

MARIA INÊS DELORME
DIRETORA DO NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E
IMPRESSOS E JORNALISTA RESPONSÁVEL (MTB. RJ22.642JP)

MARCELO SALERNO
DIRETOR DO NÚCLEO DE TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO

ÉLIDA VAZ
ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO E OUVIDORA

CONSELHO EDITORIAL

ÉLIDA VAZ (ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO/MULTIRIO), LENY DATRINO (DIRETORA DO DEPARTAMENTO GERAL DE EDUCAÇÃO/SME), MARCOS OZORIO (DIRETOR DA DIRETORIA DE MÍDIA E EDUCAÇÃO/MULTIRIO), MARIA INÊS DELORME (DIRETORA DO NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS/MULTIRIO), MARTHA NEIVA MOREIRA (EDITORA/NPI-MULTIRIO), RITA RIBES (PROFESSORA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO), SILVYA ROSALEM (ASSESSORA ESPECIAL DO GABINETE DA SECRETÁRIA /SME)

CONSELHO DE COLABORADORES

CLÁUDIA REIS (4ª CRE), CRISTINA CAMPOS (NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS/MULTIRIO), CRISTINA SALVADORA FERREIRA (5ª CRE), GUILHERME F. DE A. DEGOU (9ª CRE), IRINEIA SIMONE CORTES TOURINHO (ASSESSORIA DE INTEGRAÇÃO/MULTIRIO) JOELMA DE SOUZA VIEIRA (8ª CRE), LETÍCIA CARVALHO MONTEIRO (6ª CRE), MARCIA ELIZABETH N. M. VICENT (7ª CRE), MARIA ALICE OLIVEIRA DA SILVA (DGED/SME), MARIA TERESA L. M. COELHO (DIRETORIA DE MÍDIA E EDUCAÇÃO/MULTIRIO), MARIZE PEIXOTO (1ª CRE), NORMA SUELY (10ª CRE), ROSILENE ADRIANO MATTOS (2ª CRE), SOLANGE MARIA CAMPOS (3ª CRE)

EQUIPE DE PRODUÇÃO

GERÊNCIA PEDAGÓGICA: CRISTINA CAMPOS E JOANNA MIRANDA
GERÊNCIA DE JORNALISMO: MARTHA NEIVA MOREIRA (EDITORA), RENATA PETROCELLI (EDIÇÃO DE TEXTO), FÁBIO ARANHA, CAROLINA BESSA E HUGO RANGEL DE CASTRO E SOUZA (REPORTAGEM)
CÉSAR GARCIA (REVISÃO)

GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS: FLÁVIO CARVALHO (GERÊNCIA E DIREÇÃO DE ARTE), CLÁUDIO GIL (COORDENAÇÃO E DIREÇÃO DE ARTE), ALINE CARNEIRO E GUSTAVO CADAR (DIAGRAMAÇÃO), VIVIAN RIBEIRO (PRODUÇÃO GRÁFICA) ALBERTO JACOB FILHO (FOTOGRAFIA)

IMPRESSÃO: CIDADE AMÉRICA ARTES GRÁFICA
TIRAGEM 36.500 EXEMPLARES



no Minha Escola!



ma: 402

DESENHO DO ALUNO LUCAS G. FERRARI - 4ª SÉRIE - E.M. ERNESTO NAZARETH

CAPA
FOTO DE ALBERTO JACOB FILHO

PRODUÇÃO
EQUIPE DA GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS DA MULTIRIO

4 editorial

5 cartas

6 zoom

Qual é o seu segundo time?

8 ponto e contraponto

Por uma alternativa ao sonho

12 carioca

Bola no pé em campo de areia

13 século XX1

Time carioca, paixão nacional

16 pan 2007

A vez do basquete na cidade

17 parceria

Oportunidades para todos

18 professor on line

Uma seleção 'hexacampeã'

21 rede fala

Sensoriamento remoto como recurso didático

23 caleidoscópio

Um plano de ação educativa

24 olho mágico

Olhar crítico sobre a mídia

26 capa

Uma expressão de brasilidade

30 artigo

Futebol e cinema

33 presente do futuro

Torcedores e consumidores

36 atualidade

Futebol, negócio da China

38 pé na estrada

Um, dois, três e... jogo!

Folclore durante todo o ano

Arte consagrada na escola

43 foi assim

Tempo do esporte bretão

46 perfil

Dedicação em dose dupla

48 agenda

49 tudoteca

50 MULTIRIO na TV

Uma paixão nacional

A matéria de capa desta NÓS DA ESCOLA fala de uma paixão nacional – o futebol – e de suas relações com a identidade do povo brasileiro. Afinal, como explicar que um esporte que chegou ao país como jogo de elite tenha se transformado em esporte popular por excelência, a ponto de o escritor e tricolor Nelson Rodrigues ter cunhado a expressão “a pátria de chuteiras” para definir a Seleção Brasileira?



Sonia Mograbi
Secretária municipal de Educação

Outro texto mostra como o futebol se tornou um grande negócio em nível mundial, as mudanças nas regras e nas legislações nacionais que interferem diretamente nos torneios, nos clubes e nos atletas.

Aqui você também poderá acompanhar alguns temas ligados ao esporte: a história do Estádio Mário Filho, o Maracanã; a vida do legendário cronista botafoguense João Saldanha, personalidade que se confunde com a história do futebol no Rio de Janeiro, e o debate sobre a ascensão social através do esporte, e do futebol em particular. A matéria mostra de que forma os sonhos vividos por milhares de crianças e adolescentes – de se tornarem astros do futebol – se inserem no atual contexto do mundo do trabalho e de suas perspectivas quanto ao futuro.

Além disso, você irá conhecer alguns projetos desenvolvidos pelas escolas municipais. O Nossa Gente, realizado na Escola Municipal Bárbara Ottoni; o projeto de danças folclóricas típicas do Rio de Janeiro, sob a coordenação da equipe do Ciep Padre Paulo Correia de Sá; o trabalho da professora Rita de Cássia Soares da Costa, que há três anos “descobriu” os jogos de percurso como instrumento para tornar mais agradável e significativa a constituição de conhecimentos matemáticos.

E mais: dicas de livros, sites e filmes que falam sobre o futebol para serem trabalhados em sala de aula, além de outras seções igualmente interessantes.

Vale a pena ler.

Quer saber mais sobre as produções da MULTIRIO?

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARICÁ

NOTÍCIAS DA MULTIRIO

Cadastre-se e receba gratuitamente, a cada semana, nossa newsletter. Mande e-mail para ouvidor@multirio.pcrj.rj.gov.br ou ligue para 2528-8282.

Lançamento

Gostaria de informar que acaba de ser publicado o livro *Juventude, cidadania e meio ambiente – subsídios para a elaboração de políticas públicas*, do Ministério da Educação (MEC) e Ministério do Meio Ambiente (MMA), onde consta um artigo de minha autoria. No artigo cito como proposta exitosa o projeto da 7ª CRE referente à Agenda 21 Escolar.

Jacqueline Guerreiro

Professora da E. M. Marechal

Canrobert Pereira da Costa (7ª CRE)

N. da R.: A professora pode enviar um artigo com até 6 mil caracteres para o endereço que consta na *box* abaixo.

Xadrez

Informo a todos os *links* para o *flog* da turma 1301 da E. M. Gilberto B. da Silva, que trata do tema Mundo Animal (<http://estoudeolho.flog.oi.com.br/>). Aproveito para contar que nossos alunos de 2º segmento estão muito interessados no jogo de xadrez. Alguns

já o conhecem bem e iremos criar o Clubinho do Xadrez. Gostaria de sugerir que o próximo encarte da revista reproduza um tabuleiro de xadrez.

Eliane Neves Oliveira

Professora da E. M. Prof. Gilberto B. da Silva

N. da R.: Muito obrigado pela colaboração. Sugestões são sempre bem-vindas e a sua será analisada.

Artigo

Sou professora da rede municipal, com mestrado em Educação na área de Trabalho e Educação/Educação de Jovens e Adultos. Gostaria de conhecer as normas para publicação de artigos em NÓS DA ESCOLA e em outros veículos produzidos pela MULTIRIO.

Andrea Fernandes

Homenagem

O Conselho Municipal de Educação (CME) instituiu em fevereiro o prêmio Medalha Carioca de Educação, cujo objetivo é homenagear anualmente três personalidades por suas relevantes contribuições prestadas à área, na cidade do Rio de Janeiro. Os nomes serão indicados por qualquer entidade pública ou privada que atue

no setor de ensino. Este ano, a divulgação dos nomes escolhidos será publicada no *Diário Oficial* do município, no dia 7 de julho, e a cerimônia de entrega das medalhas acontecerá no dia 8 de agosto. Está programado ainda um seminário, no mesmo mês, que comemorará os 10 anos do CME.

Curupira
Primeiro, foi o poder do **Curupira**

O Boto
Depois, o canto da **lara** e o charme do **Boto**

LARA

É a série Juro que Vi, da MULTIRIO, feita especialmente para você
Verifique a programação em www.multirio.rj.gov.br

ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande *e-mail* para multirio_dpub@rio.rj.gov.br

Para colaborar com a seção Rede Fala envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Visite nosso *site*: www.multirio.rj.gov.br

Qual é o seu segundo time?

Quando a Seleção Brasileira entra em campo ninguém tem dúvida: a torcida é uma só. Mas e se você tivesse que fazer uma segunda escolha, torcer para um segundo time na Copa do Mundo, qual seria? Muita gente elege o país de seus antepassados, ou a qualidade do futebol como motivo para a preferência. NÓS DA ESCOLA foi às ruas saber que outro país mexe com o coração do povo quando a bola começa a rolar no campeonato mundial.



Teresa Azevedo Meirelles,
dentista

— Acho que escolho a França como segundo time. Tenho muitos pacientes franceses. Além disso, meu filho pretende estudar lá. Não sou ligada em futebol, mas gosto de acompanhar a Copa do Mundo.



Eric Fernandes, técnico em telecomunicações

— Torço pelo Japão por causa do Zico. Sou flamenguista, sempre gostei dele e acompanhei sua carreira. Foi o melhor jogador do Brasil depois do Pelé. Gosto bastante de futebol e da Copa do Mundo.



Márcio Copolilo, engenheiro

— Torço pela Itália. Isso porque tenho dupla nacionalidade. Meu pai, meu avô e outros antepassados eram italianos. Inclusive, se a Itália ganhar do Brasil não vou ficar nem um pouco chateado. Minhas origens estão lá.



Carlos Varanda, analista de sistemas

— Eu torço para Portugal, porque nasci lá. Moro há 26 anos no Brasil. Vim para cá estudar e fui ficando. Aliás, Portugal é o meu primeiro time e o segundo, o Brasil. Mas também não fico aborrecido se a seleção brasileira ganhar. Gosto de acompanhar os jogos.

Rogério Mata, professor de educação física

— Posso escolher a Argentina? Seria o meu segundo time na Copa por ser sul-americano. Além disso, porque é um futebol bonito, de arte, envolvente. Aliás, é a nossa imitação. Também gosto das cores da bandeira argentina. Adoro futebol, já joguei no América.



Hamilton Casé, engenheiro

— Eu torceria em segundo lugar para a Holanda. É um país que tem um futebol alegre. Gosto daquela cor laranja da camisa, chama a atenção. E sem contar que as mulheres holandesas são maravilhosas, lindas.

Marina Skopinich, operadora de telecine (colorista)

— Vou torcer na primeira partida pela Croácia e contra o Brasil, porque sou croata. Mas depois sigo a Copa do Mundo torcendo pelo Brasil. Eu gosto desta alegria daqui sem violência. Existe a alegria no futebol, no carnaval. É incrível, maravilhoso, diferente do que acontece em vários lugares do mundo.



Por uma alternativa ao sonho

A seleção brasileira que disputará a Copa do Mundo da Alemanha é composta de muito talento e também de histórias de superação. Jogadores como Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho e Adriano saíram de uma infância carente nas periferias do Brasil para o estrelato mundial, repleto de dinheiro e *glamour*. Na verdade, são exceções a confirmar a regra da dura realidade de peneiras, escolinhas de futebol e divisões de base. Para o imaginário de milhares de crianças e adolescentes brasileiros, pobres ou não, a carreira de jogador de futebol profissional pode significar um sonho e se transformar numa decepção. Segundo a antropóloga Eline Deccache, autora da tese *Esporte e políticas públicas na virada do milênio: o caso de Niterói*, defendida no Museu Nacional da UFRJ, as escolinhas de futebol e de outros esportes que quiserem fazer um trabalho de inclusão social devem trabalhar não apenas os sonhos, mas também as frustrações.

Por que a idéia do esporte como vetor de inclusão social tem sido muito festejada pela mídia e principalmente pelo chamado terceiro setor?

Creio que a inclusão social passa por muitos fatores, e não somente pelo esporte. A educação é, ao meu ver, o mais importante de todos. A idéia do esporte como vetor é interessante pelo apelo que este fenômeno exerce nos jovens e na nossa sociedade de um modo geral, principalmente quando se trata do futebol. Contudo, o esporte como fator social não deveria ser trabalhado como uma promessa profissional. Vários autores que estudam o fenômeno esportivo consideram que a profissão de desportista passa pelos mesmos constrangimentos que as demais profissões no que tange à produção de resultados. Penso que o esporte pode contribuir muito mais quando vivido como jogo e brincadeira, sendo a possibilidade de profissão uma conseqüência e não um objetivo primeiro, até porque o mercado

esportivo não é tão amplo assim. O esporte, principalmente quando se trata das modalidades em equipe, gera uma predisposição para a sociabilidade, contribuindo para a integração desses jovens em várias esferas da vida social onde circulam. O esporte passa a ser, também, mais uma alternativa diante da escassez de possibilidades que a população de baixa renda encontra à sua disposição.

As representações sociais do esporte e do lazer estão deixando de se caracterizar como experiências lúdicas para serem instrumentalizadas como alternativas de ascensão social?

Penso que não. O esporte como alternativa de ascensão social é uma conseqüência inevitável ocorrida no momento em que é possível ser um profissional nesse campo. Aliás, um dos argumentos utilizados pelos defensores do amadorismo no futebol no início do século XX era exatamente

TEXTO

HUGO R. C. SOUZA

FOTO

ACERVO PESSOAL



a idéia de que a espontaneidade seria perdida. É claro que quanto mais a idéia de ascensão social se sobrepuser ao prazer do jogo pelo jogo, da brincadeira, o caráter lúdico se perderá. A vontade de ser um craque, sair da pobreza etc., não significa que a criança vai deixar de jogar se isso não ocorrer. Milhares de jovens que sonharam com a vida de fama através do esporte continuaram jogando as suas peladas mesmo depois de constatar que não tinham chance alguma, aí o jogo passa a ser puro lazer e prazer. O esporte pode ser experimentado de muitas formas. Como profissão, jogo, brincadeira, competição ou ritual. Como se vê, várias são as dimensões que podemos explorar quando trabalhamos com o esporte. Dependerá, portanto, de quais objetivos serão almejados. Um projeto que queira promover a inclusão social não deve restringir o uso do esporte à promessa da profissão, porque o resultado pode ser uma grande frustração de todos os lados: dos jovens e dos instrutores e coordenadores.

O que as escolinhas de futebol, as divisões de base e as chamadas “peneiras” representam para o imaginário de milhares de crianças e adolescentes pobres que apostam no sucesso no futebol como alternativa à incerteza quanto ao futuro? Há lugar para todo mundo?

Não tenho dúvida de que o motor fundamental mais evidente para a adesão das crianças aos diversos programas esportivos se dá pelo sonho de se tornarem craques do futebol, com fama e muito dinheiro. Isso aparece com muita evidência, inclusive, na forma como reproduzem nos jogos gestos consagrados realizados por jogadores profissionais no momento do gol. Lembro, na ocasião em que fazia meu trabalho de campo em uma escolinha de futebol, uma cena que ilustra bem essa idéia. Era um treino de cobrança de pênalti, feito com crianças na faixa etária de seis a 10 anos. To-►

das ficavam em fila indiana esperando a sua vez. No gol, um goleiro tão pequenino que já evidenciava o alcance do objetivo. Quase todas as crianças que chutavam faziam gol e a cada gol feito elas comemoravam correndo e levantando as camisas, como fazem os jogadores profissionais com a intenção de mostrar alguma mensagem na camiseta que usam por baixo do uniforme. Este fato demonstra a vontade que essas crianças têm de protagonizar algum dia uma cena como essa. O que ocorre é que são pouquíssimos os que vão conseguir furar o cerco para entrar no mundo profissional do futebol. Mesmo aqueles considerados muito bons, os que têm o dom para o esporte, não conseguem chegar nem perto dos clubes.

Histórias de garotos como o Ronaldo e Adriano, que saíram da pobreza para a glória internacional, são exceções a confirmar a regra?

Muitas coisas estão envolvidas nesse processo, e a rede de relações sociais que o jovem consegue mobilizar em torno de si é um aspecto fundamental, mas não é uma garantia. Alguns instrutores de futebol com quem conversei apontaram várias situações de jovens muito bons, e mesmo assim não conseguiam fazer com que fossem absorvidos pelos times, porque não tinham conhecimento suficiente para criar a ponte necessária entre as escolas e os clubes, e quando conseguiam algum teste para o jovem em destaque, mais à frente sabiam que não tinha dado em nada. Há um círculo muito fechado e só quem tem acesso a este círculo consegue algo, a não ser, é claro, que o jovem seja um gênio, aí sim a exceção pode se colocar. Por essa razão as escolinhas de futebol e de outros esportes que queiram fazer um trabalho de inclusão social através do esporte devem criar algum mecanismo para discutir essa questão e evitar frustrações. No projeto que estudei, os instrutores de futebol eram ex-jogadores, a maioria deles conseguiu no máximo jogar em times da segunda e terceira divisão e suas histórias de vida serviam como contraponto para essa percepção glamourosa do jogador profissional, muito veiculada pela mídia. Sonhar com a vida glamourosa que um Ronaldinho tem é quase inevitável, principalmente em uma sociedade de consumo. Mas esta não pode se constituir na

única saída para a superação da condição de pobreza em que muitos jovens se encontram. Atualmente estou trabalhando em um projeto de popularização de ciências e tenho percebido nas crianças um entusiasmo muito similar ao dos jovens nas escolinhas desportivas que estudei. Muitas atividades lúdicas são realizadas com os jovens nesse projeto, o que nos permitiria pensar que a linguagem lúdica é bem eficaz. Na medida em que outras ofertas vão surgindo e o leque de opções se amplia para a população de baixa renda, outros sonhos vão sendo construídos.

O que há de mito e o que há de realidade na idéia de utilizar o esporte para afastar crianças e adolescentes do crime? Quais as possibilidades e os limites de iniciativas dessa natureza?

Em todas as atividades voltadas a jovens das classes populares encontraremos um discurso de que elas servem, fundamentalmente, como uma forma de desviar as populações infanto-juvenis do mundo do crime. Essa idéia muitas vezes repousa em um princípio equivocado de que os jovens destas classes seriam criminosos em potencial. As atividades visando apenas a ocupar para evitar que jovens entrem no mundo do crime caem no erro de acreditar que qualquer ocupação é suficiente, o que não é verdade. Como tudo na vida, quando nos é dada mais de uma opção podemos fazer escolhas, quando apenas temos o crime como opção à miséria, nem mesmo podemos dizer que houve uma escolha propriamente dita. O esporte, assim como qualquer outra atividade ofertada, deve se apresentar como uma atividade que desperte o interesse no jovem, que seja fonte de afetividade e de convívio saudável. Para tanto, é preciso que a população-alvo seja levada a sério e não encarada logo de imediato como constituída por criminosos em potencial. Isso é uma falta de respeito. Alguém já ouviu falar sobre alguma atividade voltada para jovens das classes média e alta ser justificada com esse argumento? O respeito passa também pela forma com que as atividades são montadas. Geralmente se pensa que qualquer sucata é suficiente para distrair essa população. Não que eu ache que por falta de verba não se deva começar alguma coisa com os recursos disponíveis, mas muitas vezes se relega a segundo plano a compra de equipa-

mentos melhores para trabalhar com essas crianças. Nas escolinhas de futebol que estudei as crianças recebiam chuteiras, camisas para o treino etc. Elas sentiam que estavam sendo levadas a sério, acho que isso faz toda a diferença.

A educação pode ser comprometida pela perseguição obstinada do sonho de ser jogador de futebol, com sua rotina de treinos, testes e penerias, muitas vezes distante do lugar onde o menino mora? Como fazer para não deixar o sonho morrer e ao mesmo tempo garantir a presença em sala de aula?

A educação pode ser comprometida por muitas coisas e o sonho de ser jogador é a menor delas. O sonho de ser jogador vincula-se ao desejo de sair da situação de pobreza e, portanto, não se restringe ao futebol, está presente nas profissões que dão notoriedade e condições melhores de vida. Querer ser um atleta famoso ou um artista é buscar romper com a exclusão social. A questão que eu colocaria é: por que a educação raramente é pensada como alternativa para a melhoria da condição de vida? Uma pista para pensar essa questão é o pouco apelo que a escola exerce na juventude e na sociedade de um modo geral. Começa que uma pessoa que investiu anos a fio em educação jamais ganhará um salário que um jogador de futebol famoso ganha. Ora, se é para sonhar eu vou sonhar com o que me projeta e, principalmente, com aquilo que eu conheço e que faz parte da minha realidade. Somado a isso existe o fato de a escola ser vista, quase sempre, como uma obrigação *maçante*. Já é mais do que discutida a necessidade de a escola criar uma linguagem mais atraente para uma juventude que tem à sua volta muitas opções interessantes. E muitos projetos têm sido desenvolvidos visando revitalizar a vida escolar. Acho muito interessante, por exemplo, as escolas que desenvolvem projetos de comunicação, montando rádios e jornais, criando uma disposição nos alunos em permanecer em seus espaços. Há muita coisa sendo feita, infelizmente de forma isolada e nem sempre contínua. Esses projetos que envolvem os alunos e dão a eles um sentido em estar na escola são, a meu ver, uma das soluções para garantir a presença dos alunos em

sala de aula. O que estou querendo dizer é que há mais coisas fora da escola que atraem os alunos do que dentro e, quando esses alunos se convencem de que a escola não lhes levará a lugar algum, eles acabam optando em abandoná-la para correr atrás dos seus projetos. Nesse sentido, se o garoto tem habilidade e quer ser jogador de futebol, ele não medirá esforços para ir aos treinos e fazer o melhor que ele puder, mesmo que para isso ele tenha que abandonar a escola. Como os clubes estão longe de fazer qualquer trabalho de inclusão social, não há qualquer controle nem interesse em incentivar os estudos dos garotos ou garotas.

Em sala de aula, como o professor deve lidar com sonho e realidade nesses casos?

Vejo que há os que adoram jogar futebol e querem ser jogadores e aqueles que adoram jogar futebol e pensam em ter outra profissão. A paixão pelo futebol seria o aspecto congruente e, neste sentido, o futebol pode servir de mote para muitos trabalhos, inclusive interdisciplinares. É preciso saber tirar proveito dessas paixões comuns para despertar o interesse para outras coisas. O mais interessante seria que toda a escola estivesse envolvida. Não compreendo por que as escolas brasileiras não introduzem o esporte de modo mais sistemático. Nos EUA a vida esportiva está completamente entrelaçada com a vida escolar, inclusive *oportunizando* a inclusão de alunos mais pobres nas universidades quando os mesmos são convidados a ingressar na faculdade por causa das suas habilidades esportivas, sem querer entrar no mérito das distorções que isto pode causar. No Brasil, a inserção do jovem se dá no universo dos clubes e estes, por sua vez, não estão atentos para o ensino formal. Esse aspecto complementa a resposta à sua pergunta anterior. Quando a escola passa a desenvolver atividades diversificadas, o aluno vai permanecendo mais tempo neste ambiente e o aprendizado do conteúdo escolar mais tradicional passa a ser sentido de uma outra forma. Volto a reafirmar: quanto mais essa garotada for se atentando para as muitas possibilidades existentes, o futebol vai sendo diluído e o sonho de ser jogador vai esmaecendo e tornando-se apenas em uma diversão para se ter nas horas vagas. ■

Bola no pé em campo de areia

Atividade já consagrada pela Fifa, o futebol de praia encontra adeptos por toda a cidade

Foi-se o tempo em que as praias do Rio serviam exclusivamente para tomar sol. O carioca descobriu nelas um cenário perfeito para a prática de esportes. As praias são um espaço de lazer gratuito, no qual impera a democracia. Elas reúnem pessoas de toda idade, sexo, classe social e ocupação, o que as consagra como um espaço privilegiado de convívio que promove a integração de seus frequentadores. Poucos lugares oferecem ambiente tão agradável para se divertir ou fazer exercícios.

Um dos esportes mais populares na orla marítima é, sem dúvida, o futebol de areia (*beach soccer*), de organização bastante recente, mas praticado como lazer desde sempre por centenas de adeptos no Rio de Janeiro. Sua “institucionalização” se deu em 1992, quando as regras do jogo foram criadas e um campeonato-piloto, organizado na cidade de Los Angeles, EUA. No ano seguinte, aconteceu o primeiro torneio profissional em Miami Beach, também nos EUA, com as equipes de Brasil, Estados Unidos, Itália e Argentina.

Em abril de 1994, pela primeira vez um evento de futebol de praia foi transmitido pela TV. No ano seguinte, o Rio de Janeiro sediou o primeiro campeonato mundial, na Praia de Copacabana, Zona

Sul da cidade, e o Brasil sagrou-se o primeiro campeão na modalidade.

Nos anos que se seguiram o futebol de areia cresceu e se consolidou. Em 2004, a Federação Internacional de Futebol, a Fifa, de olho no crescimento e no potencial do esporte, decidiu incorporá-lo ao seu estatuto e em maio de 2005 organizou a primeira Copa do Mundo de *beach soccer* sob sua responsabilidade, mais uma vez na praia mais famosa do mundo. Dessa vez a campeã foi a França, e o time brasileiro ficou em terceiro lugar.

A maioria das edições da Copa foi realizada no Brasil, quase todas no Rio. Os únicos campeões mundiais até hoje foram Brasil, com nove títulos, e Portugal e França, com apenas um cada.

Com todo o sucesso da nossa Seleção, a procura pelo esporte se intensificou e hoje funcionam dezenas de escolinhas, onde meninos e meninas aprendem os primeiros passos do futebol de areia. Nas praias há postes de iluminação especiais que possibilitam a realização de partidas até mesmo à noite. Sem falar nos grupos de *peladeiros profissionais* que, há décadas, disputam campeonatos e atraem muita gente para aplaudi-los. ■

TEXTO

JOANNA MIRANDA, PEDAGOGA
DO NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E

IMPRESSOS

IMAGEM

PROGRAMA 'ATLETAS DO RIO',
DA MULTIRIO

As opções na orla

Projeto da Prefeitura, o Esportes na Orla oferece gratuitamente aulas para crianças e jovens aprenderem vôlei de praia e futebol na areia. O projeto atende a 70 alunos divididos em dois turnos: manhã e tarde. Para participar é preciso ter de oito a 18 anos de idade e estar inscrito na rede escolar. As inscrições são feitas nos próprios núcleos.

Locais e horários

Núcleo Copacabana – em frente à Rua Xavier da Silveira.

Vôlei: de segunda a sexta-feira, das 8h às 10h.

Futebol: de segunda a quarta-feira, das 8h às 9h.

Núcleo Leme – em frente ao hotel Sheraton

Vôlei: de terça a quinta-feira, das 8h às 11h

Futebol: de terça a quinta-feira, das 8h às 11h.



O Fluminense com o time vencedor do primeiro campeonato carioca, em 1906. O clube conquistou também os três campeonatos seguintes

Time carioca, paixão nacional

No início do século XX, surgiram os primeiros clubes do Rio que popularizaram o esporte bretão

Tendo São Paulo como ponto de partida oficial, o futebol em pouco tempo se espalhou pelo resto do país, chegando rapidamente a terras cariocas. A criação dos primeiros clubes para a prática do esporte fez com que logo se tornasse o mais popular do Rio de Janeiro. Mas quando chegou ao Rio, no final do século XIX, o remo detinha esse posto. Agremiações como os Clubes de Regatas Flamengo, Vasco da Gama e Botafogo alimentavam uma rivalidade que levava torcedores a assistir a disputas de remo nas águas da Baía da Guanabara. Quando o Fluminense Football Club, o primeiro a praticar futebol no Rio, foi criado em 1902, existiam 20 clubes de remo na cidade.

O Fluminense foi formado por Oscar Cox e mais 20 amigos, todos membros de famílias da alta

sociedade do Rio. Carioca, filho de ingleses, Cox conheceu o futebol na Suíça, onde estudou, e foi eleito o primeiro presidente da agremiação. No mesmo ano de sua fundação, os sócios conseguiram alugar o terreno da antiga Rua Guanabara, atual Pinheiro Machado, nas Laranjeiras, que pertencia ao Banco da República. No terreno foi construída em 1904 a primeira arquibancada de um clube de futebol do Rio. Mas foi somente com uma reforma em 1919 que o campo ganhou *status* de estádio. O tricolor é o clube com mais títulos no Rio de Janeiro e venceu o Campeonato Carioca 30 vezes.

Dois anos depois da fundação do Fluminense, surgiram o Rio Football Club, o Botafogo Football Club, o América Football Club e o Bangu ►

TEXTO

FABIO ARANHA

FOTOS

REPRODUÇÃO DE

ALBERTO JACOB FILHO DE

FOTOS DO ARQUIVO DO

FLUMINENSE FOOTBALL CLUB

Athletic Club. O primeiro campeonato no Rio foi disputado em 1906 e teve como vencedor o Fluminense, que conquistou também os três certames seguintes, mas não sem polêmica. O clube das Laranjeiras terminou o campeonato de 1907 empatado com o Botafogo. Ambos reivindicaram o título, mas na época a Liga Metropolitana de Football julgou-se incompetente para resolver a questão. A divisão do título só foi definitivamente oficializada em 1993.

Regatas e futebol – Mas o Botafogo de 1907 não era o mesmo que conhecemos hoje. O clube atual resultou da fusão em 1942 do Club de Regatas Botafogo com o Botafogo Football Club. O primeiro foi fundado em julho de 1894 e dedicava-se ao remo. O nome foi uma homenagem à enseada onde os barcos do clube competiam. Sua sede ficava junto ao Morro do Pasmado, onde hoje termina a Avenida Pasteur.

Anos depois, no dia 12 de agosto 1904, em reunião realizada no Largo dos Leões por amigos que estudavam no colégio Alfredo Gomes, surgiu o Electro Club. Mas o nome não durou um mês. Em outra reunião, no dia 18 de setembro, foi mudado para Botafogo Football Club. O primeiro amistoso do clube ocorreu no mês seguinte contra o Football and Athletic Club, na Tijuca, e resultou em vitória de 3 x 0 para o alvinegro da Zona Sul. Em 1906, o time participou do primeiro campeonato carioca e no ano se-

guinte terminou empatado com o Fluminense. O primeiro título sem controvérsias veio em 1910.

Apesar de contar com Fluminense e Botafogo, os primeiros campeonatos de futebol do Rio não tiveram a participação dos outros dois grandes clubes dos dias atuais – Flamengo e Vasco. O primeiro time do Flamengo surgiu depois de uma cisão entre os jogadores do Fluminense em 1911, após a conquista do título carioca. Parte daquela equipe se bandeou para o bairro vizinho e o Flamengo, que disputava competições de remo desde 1895, criou um departamento de futebol no mesmo ano para abrigar os atletas. Daí em diante, Flamengo e Fluminense se tornaram rivais ferrenhos. Em pouco tempo, o rubro-negro experimentou o sucesso: venceu o Campeonato Carioca em 1914 e 1915. Na época, o futebol era amador e dos 11 jogadores do time bicampeão nove eram estudantes de medicina.

Futebol e preconceito – Já o Vasco da Gama surgiu em 1898 também como clube de regatas. Seu departamento de futebol foi criado somente em 1915 e no ano seguinte a equipe estreou na terceira divisão. Em 1923 sagrou-se campeão carioca, em seu ano de estréia na primeira divisão, com um time formado em sua maioria por jogadores negros e mestiços, o que escandalizou a sociedade da época. O clube sofreu todo tipo de pressão para excluir esses jogadores de seu plantel, mas se recusou a fazê-lo. Em retali-

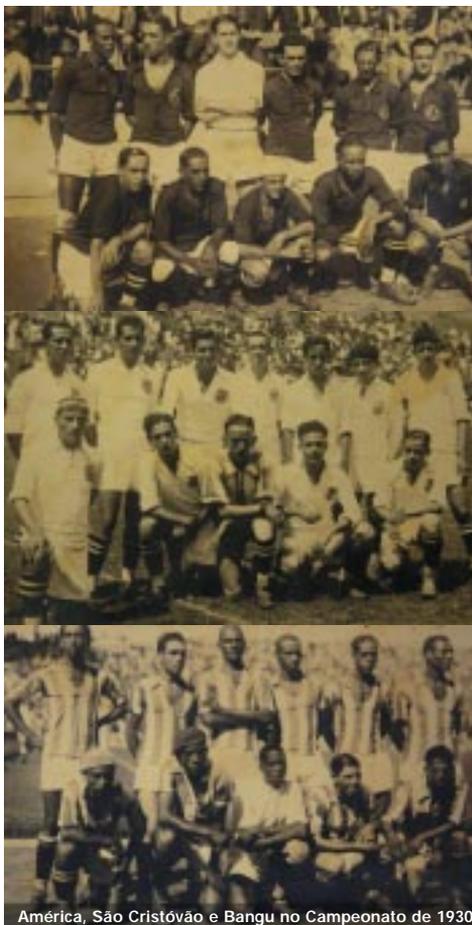
Uma partida do Fluminense no Campeonato Carioca de 1930



ação, Flamengo, Fluminense e Botafogo, além de outros clubes, deixaram a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT), que organizava o campeonato de futebol, e criaram a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (Amea), que não admitia clubes com jogadores negros e de origem humilde. O Vasco e outros clubes pequenos permaneceram na LMDT e o Rio de Janeiro teve dois campeonatos em 1924, um vencido pelo tricolor das Laranjeiras e o outro pelo clube cruz-maltino. No ano seguinte, entretanto, a Amea recuou de sua posição e os clubes da divisão principal da LMDT ingressaram na Associação. O episódio foi decisivo para a extinção do racismo no futebol carioca.

O Vasco teve papel importante ao incorporar jogadores negros ao futebol, mas o primeiro clube a aceitá-los em sua equipe foi o Bangu. O clube foi fundado em 1904 por funcionários ingleses que trabalhavam na Companhia Progresso Industrial do Brasil, criada em 1889, para ser frequentado nas horas vagas e promover a prática de futebol, críquete e tênis. Desde seu início, o clube já aceitava trabalhadores brasileiros da empresa em seus quadros. A medida foi uma exigência dos donos da fábrica, o que fez com que mensalidade cobrada de seus associados correspondesse a cerca de metade da cobrada pelo Fluminense. Dessa forma, surgiu o primeiro time organizado de fábrica do Rio de Janeiro e do Brasil. Em 1905, o Bangu foi o primeiro time de futebol no Brasil a ter um negro em seu elenco. Em 1933 e 1966 foi campeão carioca e vice-campeão brasileiro de 1985.

Futebol e história – No mesmo ano da fundação de Bangu e Botafogo, em 1904, foi criado o América Football Club, depois de uma reunião ocorrida em setembro daquele ano na Rua Praia Formosa, hoje Rua Pedro Alves, no Cais do Porto. Juntamente com Bangu, Botafogo, Esporte Clube Petrópolis, Fluminense e Futebol Atlético Clube, o América criou a Liga de Football do Rio de Janeiro, a primeira federação de futebol da cidade, que contou ainda com a adesão do Payssandu e do Rio Cricket. Seu primeiro título carioca veio em 1913, quando venceu o São Cristóvão por 1 x 0. Ao todo o clube conquistou sete títulos, o último em 1960.



Dois anos antes, em 1911, o América se fundiu com o Haddock Lobo e passou a disputar suas partidas na Rua Campos Sales, na Tijuca, onde até hoje fica a sede social do clube. Em 1962, adquiriu um estádio no bairro do Andaraí na esquina das Ruas Teodoro da Silva e Barão de São Francisco. Reinaugurado em 1966, o estádio foi referência para os moradores de Tijuca, Andaraí e Vila Isabel e assim foi até ser vendido e transformado em *shopping center* nos anos 90.

Os clubes cariocas marcaram a história do futebol do Brasil em campos nacionais e internacionais e ajudaram a Seleção Brasileira a brilhar em copas do mundo com seu futebol-arte. Craques inesquecíveis como Garrincha, Didi, Rivelino, Roberto Dinamite, Zico e Júnior, entre muitos outros, trocaram passes e fizeram gols nos estádios da Cidade Maravilhosa, tornando o Rio um palco privilegiado do esporte preferido dos brasileiros. Se o Brasil é o país do futebol, o Rio de Janeiro, certamente, é a cidade. ■

A vez do basquete na cidade

Projeto da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer descobre os futuros profissionais do esporte

No país do futebol, onde qualquer criança desde cedo aprende a dominar a bola com os pés, está crescendo o número de talentos revelados em outras modalidades. A proximidade dos Jogos Pan-americanos de 2007 indiretamente incentiva os jovens a conhecer outras possibilidades que ultrapassam os limites da conhecida *pelada* no campinho improvisado perto de casa. Um dos projetos da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (Smel), o Bola na Cesta, está levando o ensino do basquete a cerca de 1.100 crianças e adolescentes em 15 núcleos espalhados pela cidade.

Os cursos estão abertos a quem tem entre oito e 18 anos de idade e está inscrito na rede escolar. Além das aulas, crianças e jovens têm a oportunidade de participar de torneios e do intercâmbio que há entre os núcleos. As turmas são divididas por idade e sexo. Para a coordenadora do projeto, Cinthia Griner, o desafio do programa é integrar crianças de comunidades pobres e de classe média sem condições financeiras de arcar com os custos do aprendizado em clubes.

“A dificuldade maior é a socialização. Muitos vêm de uma realidade onde impera a violência. Mas acabam dominando bem a bola porque têm bom repertório motor”, explica o professor do Núcleo do Catumbi, Márcio Silva e Souza. Segundo ele, essa habilidade que demonstram em driblar e lançar a bola está ligada ao fato de que grande parte dessas crianças brinca na rua, tem liberdade de correr, soltar pipa, jogar ao ar livre.

O professor admite que é difícil competir com o futebol, que é um esporte de massa, mas não descarta o fato de que o basquete já começou a conquistar o coração da criançada. “Poucos conhecem os jogadores profissionais e por isso ainda não existem ídolos nesse esporte. Mas já há aqueles que assistem às partidas pela TV e sabem o que é NBA [National Basketball Association, a liga nacional de basquete norte-

americana], falam de Leandrinho e Nenê, brasileiros que jogam lá fora”, argumenta Souza.

Na maior parte das vezes a participação nas aulas acontece por acaso. Segundo o professor, muitos estudantes moram nas comunidades onde estão instalados os núcleos. Eles chegam ao lugar, assistem a uma aula e acabam se matriculando. “Há alunos que não tinham o mínimo de conhecimento do basquete, mas passaram em frente à quadra, se inscreveram e hoje se destacam nas equipes”.

Para o professor do núcleo do Catumbi, apesar de o projeto receber crianças com mais de oito anos de idade, é a partir dos 10 que surge um interesse maior pelo esporte. Isso porque a habilidade gestual da criança, segundo ele, já está mais desenvolvida nessa fase.

Profissionalismo – Uma das vantagens do Bola na Cesta, na avaliação da coordenadora, é o fato de que os professores têm qualificação – em sua maioria, foram ou são técnicos de clubes. Com isso, indicam as crianças que vão participar de suas equipes nos clubes. “Os núcleos são uma grande fonte de talentos. Atualmente temos 120 alunos federados”, comemora Cinthia.

O projeto existe há quatro anos e já encaminhou meninos e meninas para as equipes mirins do Botafogo, no Rio de Janeiro, e até para times de Brasília. Algumas das meninas que começaram no Bola na Cesta sagraram-se recentemente campeãs pelo clube carioca. Ao todo, já passaram pelos núcleos cerca de 5 mil crianças e adolescentes. As inscrições estão abertas durante todo o ano. Quem quiser participar deve apresentar comprovante de matrícula na escola em que estuda e se submeter a exame médico antes de começar a frequentar as aulas. Basta procurar o núcleo próximo de casa e experimentar. Quem sabe, a oportunidade de descobrir uma nova diversão esteja ao alcance das mãos... ■

TEXTO

CAROLINA BESSA

SERVIÇO

Informações sobre o programa Bola na Cesta e os endereços dos núcleos estão no [site](http://site.rio.rj.gov.br/smel) www.rio.rj.gov.br/smel.

Oportunidades para todos

Não importa a idade. Disposição para aprender uma profissão já é o suficiente para conhecer os cursos das Casas de Capacitação da Obra Social do Rio de Janeiro. Não se trata apenas de mais um “passaporte” para o mercado de trabalho. Quem está nos cursos recebe também lições diárias de cidadania e auto-estima.

Os cursos são gratuitos e destinados a quem tem mais de 16 anos de idade e mora no município do Rio. O projeto das Casas de Capacitação foi criado em 2001 a partir de uma proposta da atual presidente da Obra Social, Mariângeles Maia, e já formou profissionais como cabeleireiros, costureiras, manicures, técnicos em refrigeração, padeiros, *barmen*, auxiliares de cozinha, babás, educadores de creche e cuidadores de idosos. Atualmente, a Obra Social conta com 160 profissionais para ministrar aulas em 11 unidades espalhadas pela cidade.

No Centro de Cidadania Rinaldo De Lamare funciona a Escola de Hotelaria, que oferece cursos de formação de camareiras, baristas, mensageiros de hotel e garçons. A formação em gastronomia também é um dos pontos fortes. A professora Roberta Sudbrack, conhecida por sua atuação como *chef* no Palácio da Alvorada, é a responsável pelo curso de auxiliar de cozinha. A Escola também oferece aulas de confeitaria e de panificação numa parceria com a Casa Gourmet, um serviço público da fabricante de eletrodomésticos Arno, especializada em cursos de gastronomia.

As empresas já começam a adotar os cursos da Obra como referência para a contratação de pessoal. A diretora das Casas de Capacitação, Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque, comemora: “Muitos hotéis da Barra da Tijuca têm procurado profissionais que saem da nossa Escola de Hotelaria. Alguns alunos nossos também são selecionados para restaurantes e salões de beleza”. O período de duração da maioria dos cursos é de dois meses, embora cursos como o de formação de babás, educadores de creches e de cuidadores de idosos possam ser feitos num período que varia de 18 a 36 dias. Na carga horária estão incluídos estágios em instituições como,



O curso de cabeleireiro é um dos que mais atrai os jovens que procuram as Casas de Capacitação

por exemplo, as 20 creches Sempre Vida da rede municipal de ensino, construídas em parceria com a Obra Social. As Casas de Capacitação também apóiam quem pretende abrir cooperativas ou trabalhar como autônomo. O Fundo Carioca, da Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS), oferece crédito para trabalhadores que querem abrir o próprio negócio e financia equipamentos e matéria-prima.

Segundo Maria Clara, o perfil dos alunos varia de unidade para unidade. Enquanto na Casa de São Conrado há uma procura crescente por aulas de culinária, em Bonsucesso a disputa é por cursos de refrigeração e instalações elétricas domiciliares, já que grande parte dos interessados é do sexo masculino. “As casas, quando abrem, oferecem um número determinado de atividades que vão depois se adequando à demanda das comunidades próximas”, explica a diretora. Mas não são só pessoas em busca de emprego e renda que têm a oportunidade de aprimorar seus conhecimentos. A Casa Leonardo Guerra, no Lins, é voltada exclusivamente ao público de sete a 17 anos de idade. Lá, crianças e adolescentes podem se matricular em aulas de artesanato, capoeira ou informática.

A Casa do Rio Comprido também conta com atividades para crianças. Há até uma turma para a brinquedoteca, onde os pequeninos se divertem. O objetivo é proporcionar formação cultural e ocupar o tempo ocioso da criançada. ■

TEXTO

MARIANGELES MAIA E EQUIPE
DA OBRA SOCIAL DA CIDADE DO
RIO DE JANEIRO
FOTOS DIVULGAÇÃO

Uma seleção 'hexacampeã'

O Brasil será campeão mundial de futebol pela sexta vez. Ou melhor, o Brasil será hexacampeão mundial de futebol. É convencional que determinados prefixos e elementos de composição de substantivos e adjetivos sejam escritos junto com a palavra-base. Entre eles estão os prefixos que dizem respeito a números: bi, tri, tetra, penta, hexa, hepta etc. Assim, escrevemos hexacampeão, tetravô, bianual etc.

Essa informação poderia ter sido extraída de qualquer aula de português, de alguma escola brasileira. A Copa do Mundo e o futebol já estão dominando o cotidiano escolar. É possível explorar este tema em todas as disciplinas do currículo, em diferentes segmentos, de forma interdisciplinar, usando e abusando das diferentes linguagens.

Para facilitar o trabalho, indicamos alguns livros, vídeos, pinturas, *sites*, músicas e filmes para incrementar as atividades e as discussões que surgirão.

TEXTO

CRISTINA CAMPOS

IMAGENS

REPRODUÇÕES DOS SITES,
PROGRAMAS DA MULTIRIO E
DIVULGAÇÃO

Livros

- **1.000 perguntas sobre futebol – super quiz**
Rodrigo Munhoz, Panda Books
Que famoso cronista esportivo criou o personagem Sobrenatural de Almeida? Qual era o nome da música que o lateral-esquerdo gravou antes da Copa de 1982? No livro *1.000 perguntas sobre futebol – super quiz*, você encontra perguntas sobre copas do mundo, campeonatos nacionais e estrangeiros, craques do passado e do presente, e times de todo o mundo. Um ótimo livro para promover jogos e pesquisas na escola e na família.
- **A história do futebol no Brasil**
Jual & Gual, Bom texto
A obra reúne caricaturas, cartuns e charges de Angeli, Borjalo, Chico Caruso, Henfil, Ique, Jaguar, Lan, Nani, Nássara, Paulo Caruso, Ziraldo, entre outros. Pequenos textos contextualizam as ilustrações.
- **Como o futebol explica o mundo – um olhar inesperado sobre a globalização**
Franklin Foer, Jorge Zahar
Para realizar um amplo e perspicaz trabalho de reportagem, o autor viajou o mundo – da Itália ao Irã, do Brasil à Bósnia –, analisando o

intercâmbio entre o futebol e a nova economia global. Uma aula pronta de geografia e história a partir dos clubes de futebol.

- **Dicionário de futebol**
Haroldo Maranhão, Record
Palavreado e bordões mais utilizados pela mídia são explicados e contextualizados neste livro. O autor percorre o país explorando a diversidade regional da linguagem futebolística e aventura-se além-mar, em terras portuguesas, para descobrir novos termos.
- **Futebol – uma paixão nacional**
Rubim Santos Leao de Aquino, Jorge Zahar
Um panorama da história do futebol desde seus primórdios até a atualidade. Além de uma visão geral das copas do mundo de 1930 a 1998, inclui seções com frases impagáveis de personagens do futebol, curiosidades, filmografia, um glossário e uma lista com os principais clubes do Brasil.
- **Futebol – paixão e política**
Paulo Cesar R. Carrano, DP&A
Este livro reúne diferentes pensadores e profissionais como Eduardo Galeano e



Outros títulos

- *90 minutos de sabedoria – a filosofia do futebol em frases inesquecíveis*. Ivan Maurício (org.), Garamond
- *A ginga e o jogo*. Armando Nogueira, Objetiva
- *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Antônio Jorge Soares, Mauad
- *A pátria em chuteiras – novas crônicas de futebol*. Nelson Rodrigues, Companhia das Letras
- *À sombra das chuteiras imortais*. Nelson Rodrigues, Companhia das Letras
- *Cultura, educação física e futebol*. Jocimar Daolio, Unicamp
- *Estrela solitária*. Ruy Castro, Companhia das Letras
- *Flamengo é puro amor*. José Lins do Rego, José Olympio
- *Futebol & guerra*. Maria Inês Duque Estrada e Andy Dougan, Jorge Zahar
- *Futebol e a palavra*. Ivan Cavalcanti Proença, José Olympio
- *O país da bola*. Betty Milan, Record
- *O profeta tricolor – cem anos de Fluminense*. Nelson Rodrigues, Companhia das Letras
- *Pátria, chuteiras e propaganda – o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*. Edison Gastaldo, Unisinos
- *Pedagogia do futebol*. João Batista Freire, Autores Associados
- *Sociologia do futebol*. Richard Giulianotti, Nova Alexandria
- *Subterrâneos do futebol*. João Saldanha, José Olympio
- *Vencer ou morrer – futebol, geopolítica e identidade nacional*. Gilberto Agostino, Mauad



Salman Rushdie, assim como uma entrevista com Juca Kfourri para tentar captar o momento atual do esporte brasileiro e mundial em época de globalização. Reflete sobre a importância do esporte nacional para a educação e como aproveitar o tema futebol na escola.

- *Futebol ao sol e à sombra*
Eduardo Galeano, L&PM
Acima do futebol está a lenda. Para captar o fascinante universo de perdas e conquistas, Eduardo Galeano penetrou nas profundezas da história e das histórias que se passam dentro e fora das quatro linhas. Não é preciso ser um apaixonado da bola para apreciar esta saga. Basta se deixar levar pela grande literatura.
- *Futebol espetáculo do século*
Marcia Regina da Costa, Musa
Vinte e seis autores, participantes do seminário Futebol: Espectáculo do Século, promovido pelo Núcleo de Estudos do Cotidiano e de Cultura Urbana/ Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais, da PUC-SP, publicaram seus textos neste livro.

- *Histórias do futebol*
João Saldanha, Revan
O autor conta as viagens pelo Brasil e pelo mundo do fantástico grupo de atletas que ele dirigia quando técnico do Botafogo: Garrincha, Didi, Nilton Santos, Zagallo e outros craques que viriam a se tornar ídolos do futebol brasileiro.
- *O que é futebol – Coleção Primeiros Passos*
José Sebastião Witter, Brasiliense
Por que o futebol é, dentre todos os esportes, o mais popular, o que de longe desperta maior paixão e interesse? Para nós, brasileiros, o futebol é muito mais que um jogo no qual dois times de 11 se defrontam em busca do gol: é um elemento central da cultura e – por que não dizer? – da própria identidade nacional.
- *Quando é dia de futebol*
Carlos Drummond de Andrade, Record
O autor trata não só de futebol, mas também de outros assuntos que movimentam a cidade e sua gente, principalmente a política. Observa assim que o futebol é para o povo um refúgio de onde extrai sua maior alegria.



'Sites'

- <http://www.multirio.rj.gov.br/porta1>
- <http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21>
- <http://www.futebolimaginario.com.br>
- <http://www.cidadedofutebol.uol.com.br/site>
- <http://www.fifa.com>
- <http://www.cbfnews.uol.com.br/>



Pinturas

- *A fera*. Aldemir Martins, 1966
- *Campo futebol*. Julio Martins da Silva, 1979
- *Football*. Ilidio Salteiro, 1977
- *Futebol* – painel. Gama Diniz, s.d.
- *Futebol 3*. José Roberto Aguiar, 1966
- *Futebol: Fla-Flu*. Djanira, 1975
- *Futebol*. Cândido Portinari, 1935
- *Futebol*. Francisco Rebolo, 1936
- *Futebol*. José Borges da Costa
- *Goleiro*. Roberto Magalhães, 1999
- *Jogando futebol na praia*. Fúlvio Pennacchi, 1988
- *Pelé – rei do futebol*. Rubens Gerchman, 1997



Vídeos

- "A história do futebol na cidade do Rio de Janeiro" MULTIRIO, 2002. Programa *Rio, a cidade!*, nº 177, 24 min.
- "Paixão e violência das torcidas organizadas" MULTIRIO, 2002. Programa *Rio, a cidade!*, nº 178, 24 min.
- "Pequenos times cariocas e suas grandes torcidas" MULTIRIO, 2004. Programa *Rio, a cidade!*, nº 646, 24 min.
- "Futebol e ética" MULTIRIO, 2002. Programa *Nós da escola*, nº 42, 25 min.
- "Futebol e arte" MULTIRIO, 1998. Programa *Café literário*, nº 6, 27 min.

Músicas

- *Back marreta*. Fundação Rock
- *Bola*. Fernanda Porto
- *Brazuca*. Gabriel, o Pensador
- *Cadê o penalty?* Jorge Benjor
- *Camisa 10 da Gávea*. Jorge Benjor
- *É gol*. Daniel
- *É uma partida de futebol*. Skank
- *Embaixadas de Pelé*. Banda Irié
- *Filho maravilha*. Jorge Benjor
- *Futebol*. Naná Vasconcellos
- *Goleiro (Eu vou lhe avisar)*. Jorge Benjor
- *Ilmo. Sr. Ciro Monteiro ou Receita pra virar casaca de neném*. Chico Buarque
- *Maracanã*. Francis Hime
- *Micróbio*. Danilo Moraes
- *O campeão*. Neguinho da Beija-Flor
- *O futebol*. Chico Buarque
- *Ponta de lança africano (Umbabarauma)*. Jorge Benjor
- *Replay*. Trio Esperança
- *Vai Brasil*. Harmonia do Samba
- *Vamos lá seleção*. Almir Rouche
- *Zagueiro*. Jorge Benjor

Filmes

- *Boleiros – era uma vez o futebol...* Ugo Giorgetti, 1998
- *Cartão vermelho*. Laís Bodansky, 1994
- *Futebol*. João Moreira Salles
- *Garrincha, alegria do povo*. Joaquim Pedro de Andrade, 1963
- *Gaviões*. André Klotzel, 1982
- *O casamento de Romeu e Julieta*. Bruno Barreto, 2005
- *O mundo segundo Silvio Luiz*. André Francioli, 2000
- *Os fiéis*. Danilo Solferine, 2003
- *Penalidade máxima (Mean machine)*. Barry Skolnick, 2001
- *Pra frente Brasil*. Roberto Farias, 1982
- *Subterrâneos do futebol*. Maurice Capovilla, 1964
- *Uma história de futebol*. Paulo Machile, 1998

Sensoriamento remoto como recurso didático

Um dos grandes desafios para governantes, cientistas e educadores é buscar harmonia entre meio ambiente e desenvolvimento, através de uma educação voltada à qualidade de vida e ao meio ambiente saudável. Nesse contexto, é de extrema relevância que se tragam à tona questionamentos de como é possível garantir o desenvolvimento econômico e tecnológico sem prejudicar o meio ambiente.

Entendemos que a educação deve se constituir em uma ação integrada às questões ambientais, que se proponha atingir todos os cidadãos, uma vez que os diversos atores sociais devem ser chamados a participar de forma permanente.

Atentos a essas questões, nós, educadores da Escola Municipal Visconde de Porto Seguro, desenvolvemos o projeto, com a finalidade de trazer à tona discussões sobre as questões socioeconômicas e ambientais do bairro Jardim Sulacap, onde a escola está localizada, e de toda a Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, com vistas à melhoria da qualidade de vida e ao pleno exercício da cidadania.

O sensoriamento remoto como recurso didático foi amplamente utilizado no levantamento de informações sobre o diagnóstico ambiental do bairro, bem como sua evolução urbana e da Zona Oeste. O primeiro passo foi discutir o sentido da expressão sensoriamento remoto – um conjunto de técnicas que permite obter informações da superfície da Terra à distância – e, a partir daí, construir o conceito. Como estratégia de apresentação do uso desse recurso, utilizamos o *Atlas escolar do município do Rio de Janeiro*, imagens fornecidas pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), Instituto Pereira Passos (IPP) e Museu Aeroespacial.

Como fundamentação teórica básica, apoiamos na diversidade de referenciais teóricos que norteiam nossa prática pedagógica, entre eles Vygotsky, Freinet e Paulo Freire, em

consonância com o núcleo curricular básico Multieducação da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, a Lei de Diretrizes e Bases (Lei N° 9394/96) e os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Partindo do princípio de que a aprendizagem será mais efetiva e de que a atividade será mais bem desenvolvida se adaptada às situações da vida real da cidade, ou do meio em que vivem aluno e professor, e de que educação ambiental é uma questão interdisciplinar, o projeto foi desenvolvido com alunos da 6ª série, de acordo com as etapas que se seguem:

- sensibilização, utilizando recursos de sensoriamento remoto;
- caminhada pelas ruas do bairro, com o objetivo de verificar a situação atual do local;
- discussão em sala de aula sobre os dados coletados durante a caminhada, sempre tendo como base para a discussão o envolvimento de cada cidadão nas questões ambientais. Essas observações levaram à reflexão sobre o papel de cada cidadão na melhoria da qualidade de vida da população;
- diagnóstico socioambiental da Zona Oeste. Esta etapa foi realizada em sala de aula por grupos de quatro ou cinco alunos. Algumas questões curiosas surgiram a partir desse levantamento, o que levou a um debate bastante interessante sobre as diferenças sociais que há entre os bairros da mesma região;
- apresentação, em painel, dos resultados obtidos na Semana do Meio Ambiente, promovida pela escola com o tema Natureza: Vivenciar, Valorizar, Cuidar.

Seguindo a ótica de Vygotsky, a avaliação foi realizada em diferentes momentos e em situações variadas. Os alunos elaboraram textos, mapas do local do estudo, utilizaram conceitos matemáticos no levantamento de dados, participaram de debates na sala de aula e produziram um painel para a exposição. Esses instrumentos foram utilizados no processo de avaliação, quando procuramos observar ►



Dilene Fernandes Machado da Costa
e Maria de Fátima Fernandes Donda
Professoras da E. M. Visconde de Porto Seguro

o processo de construção do conhecimento e não o seu produto final. De acordo com Vigotsky, conforme observamos no Núcleo Curricular Básico Multieducação, o desenvolvimento de crianças e adolescentes pode ser olhado de maneira prospectiva, isto é, com referência ao que está para acontecer na trajetória de cada um.

É clara a necessidade de mudar o comportamento do homem em relação à natureza, no sentido de promover um modelo de desenvolvimento que assegure uma gestão responsável dos recursos do planeta – a educação ambiental se mostra como o ponto de partida para uma

conscientização sobre o porquê e para que devemos preservar o meio ambiente. Assim, não há como negar a dimensão política da educação ambiental. E, exatamente por seu caráter transformador, ela encerra diversos desafios, os quais a escola, no seu papel de formadora de cidadãos, não pode negligenciar. Para que isso ocorra, nós, educadores, precisamos romper com práticas pedagógicas arcaicas, buscando novas tecnologias. Recursos de informática e de sensoriamento remoto nos parecem bastante adequados, funcionando como suporte para as discussões dos conteúdos desenvolvidos em sala de aula. ■

PROFESSOR

A MULTIRIO é sinônimo de qualidade na TV, na web e nos impressos. Nossas produções premiadas incluem:



Animações



Nós da Escola
• Revista
• TV
• Web



Portal



Rio, a Cidade!

Rio Mídia



Século XXI

Esses são alguns bons motivos para você, sua família e seus alunos conhecerem e utilizarem cada vez mais os produtos da MULTIRIO. Saiba mais em www.multirio.gov.br

Um plano de ação educativa

A cada ano, renovamos nossos sonhos. Buscando alcançá-los, revemos procedimentos, retomamos processos iniciados e planejamos novas ações. Assim como ocorre em nossas vidas, acontece, também, na escola.

O cotidiano escolar está inserido numa ação maior, denominada Projeto Político-Pedagógico (PPP). O PPP é um conjunto de princípios orientadores que expressa a identidade de cada escola.

A elaboração de um Projeto Político-Pedagógico exige sempre a participação de todos os segmentos da unidade escolar para a definição dos princípios norteadores e as estratégias a serem adotadas a longo, médio e curto prazo.

O objetivo maior de uma unidade escolar ao elaborar o seu projeto é optar por caminhos para desenvolver um ensino de qualidade visando o êxito escolar. Portanto, todas as propostas de ação estão interligadas, a partir do pedagógico. Desta forma, as ações gerenciais, administrativas e comunitárias são meios para a concretização da atividade-fim, o alcance do sucesso escolar.

O PPP tem uma característica essencial que é o seu dinamismo, o que nos possibilita avaliar, periodicamente, se as questões iniciais que inquietavam a comunidade escolar ainda permanecem ou se a escola já avançou como consequência de seu trabalho. Por ser um projeto, não estará pronto e acabado, mas poderá apresentar novas demandas que necessitarão de outras respostas. Sendo assim, há de se ter uma constante avaliação, uma atitude de pesquisa e reflexão sobre o ensino, a aprendizagem e o fazer da escola.

Desejando colaborar com a reflexão no interior da escola, nos reportamos às indagações de Padilha (2001)¹, acreditando na importância desse processo para a elaboração do projeto:

- Que tipo de homem e de sociedade queremos construir?
- Que papel desejamos para a nossa escola?

- Como será realizado o processo de planejamento coletivo na escola?
- Que tipo de relações deve ser estabelecido entre professor e aluno, entre a escola e a comunidade?
- Quais objetivos, conteúdos e metodologias serão aplicados?
- Quais critérios e instrumentos de avaliação adotaremos?

Essas questões nos fazem pensar do macro ao micro, da função social da escola à ação educacional vivenciada cotidianamente em nossas salas de aula. Um novo ano letivo é um marco de rupturas e continuidades; vale também perguntar sobre os processos já vividos nos anos anteriores para resgatar os bons resultados e refletir sobre os que ainda precisam melhorar.

A elaboração do projeto se dá em nível político e pedagógico. Político, porque objetivamos a formação de um homem sujeito e agente da história, uma escola que valorize o indivíduo e o coletivo e uma sociedade que seja democrática e ofereça igualdade de oportunidades. Pedagógico, pois a partir do diagnóstico da realidade escolar, as concepções são efetivadas por meio da ação educativa, remetendo o grupo a uma reflexão constante sobre o papel do homem no mundo e a sua relação com ele.

É necessário que cada escola tenha o cuidado de pensar e elaborar seu PPP, considerando as suas especificidades locais e as orientações do Núcleo Curricular Básico – Multieducação. ■

TEXTO

MARIA DE FÁTIMA GONÇALVES
DA CUNHA E LENY CORRÊA
DATRINO, DA SME/
DEPARTAMENTO GERAL DE
EDUCAÇÃO (DGED)

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO



O PPP deve abrir espaço para a atualização dos professores

¹PADILHA, P.R. *Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola*. São Paulo, Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.

Olhar crítico sobre a mídia

SME e MULTIRIO realizam evento para debater com pais sociais e professores a programação da TV

Despertar uma consciência crítica em relação à mídia para orientar as crianças sobre o que assistem na TV é a proposta de evento promovido pelo Departamento Geral de Educação (E-DGED/Programas Sociais) da Secretaria Municipal de Educação (SME) e desenvolvido pela Assessoria de Integração da MULTIRIO. Destinado a pais sociais e a professores responsáveis pelo Programa Alunos Residentes (PAR), o evento prevê dois encontros com cada grupo. Depois de discutir o que representa hoje a programação de TV na sociedade e a influência da publicidade no público infanto-juvenil, os participantes visitarão a MULTIRIO no dia 4 de julho para conhecer o trabalho sobre mídia e educação desenvolvido pela produtora.

O PAR foi criado pela SME para atender a crianças e adolescentes em situação de risco social, através de um conjunto de ações realizadas a partir da escola. No programa casais selecionados entre funcionários do município – os pais sociais – acolhem temporariamente grupos de 12 alunos em residências localizadas em 32

ceps no município. A maior contribuição desse conjunto de ações é a queda da evasão escolar.

De acordo com a coordenadora de Programas Sociais do E/DGED, Cristina Faber, a ideia de organizar um debate em torno de questões relacionadas à TV surgiu a partir da necessidade de aproveitar o momento de lazer dos alunos para refletir. Como as pesquisas realizadas por especialistas demonstram que crianças e adolescentes passam em torno de quatro horas por dia em frente ao aparelho de televisão, é preciso, na avaliação da assessora de Integração da MULTIRIO, Irinéa Simone Tourinho, despertar nos pais sociais e professores um olhar crítico sobre a programação das emissoras.

No primeiro dia do encontro Discutindo a Importância da TV na Sociedade, pais sociais e professores puderam listar aspectos positivos e negativos da programação televisiva. No segundo dia foi a vez de analisar a influência da propaganda no cotidiano de crianças e ado-

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

O programa *Encontros com a Mídia* no qual a pesquisadora Rita Ribes analisou o impacto da publicidade no público infanto-juvenil foi usado no debate





Irinéa Simone, Assessora de Integração da MULTIRIO

lescentes. Quem participou da programação do segundo dia teve a oportunidade de assistir ao programa da MULTIRIO, *Encontros com a mídia*, em que a presidente da produtora, Regina de Assis, entrevista a professora e pesquisadora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Rita Ribes e discute o impacto da publicidade veiculada pela TV no público infante-juvenil. Em seguida, foi realizado um debate sobre as questões levantadas na entrevista.

Busca de valores – Durante a discussão, mães sociais relataram suas experiências com crianças e adolescentes e contaram de que forma tentam educá-las para que não sejam influenciadas pelo consumismo exagerado. Maria Helena Barbosa, residente no Ciep Olof Palme, em Bangu, alertou para o perigo do ingresso de jovens no crime apenas em busca de dinheiro fácil para comprar roupas e sapatos de marcas caras.

Na avaliação de Marisa Lima, mãe social do Ciep Margaret Mee, no Recreio, existem dois grupos de mães: o das que podem e o das que não podem dar o que os filhos pedem. Mas lembra que nem sempre os pais estão agindo de forma correta quando compram todos os produtos desejados por crianças e jovens. “Quando minha filha de 14 anos pede um *jeans* da moda, eu digo que ela tem que estudar e trabalhar para comprar”, afirma a mãe social.

Outra preocupação dos pais sociais é a constante inversão de valores nos jovens. Alguns relataram que os “filhos sociais”, às vezes, têm roupas caras, mas chegam às residências do PAR sem ter feito as refeições, ou seja, seu dinheiro é utilizado para adquirir bens supérfluos em vez de ser aplicado nas necessidades básicas.

Para a assessora de Integração, é muito importante que os pais tenham chegado a conclusões sobre a importância de transmitir bons valores aos filhos, orientá-los em relação ao que vêem na mídia, saber discernir o que é supérfluo e comprar produtos de marca somente quando houver condições financeiras para isso.

“Este evento é muito importante, porque contribui para o enriquecimento pessoal de pais e professores, e é mais um reforço nas atividades desenvolvidas com os responsáveis pelas crianças assistidas pelo PAR”, conclui a coordenadora de Programas Sociais.

As 32 residências receberam cópias das séries da MULTIRIO *Aventuras cariocas*, *Atletas do Rio*, *Juro que vi* e *Memórias cariocas* para serem utilizadas como alternativa de programação pelos estudantes assistidos pelo PAR. ■

Elemento de ligação

A Assessoria de Integração (AI) foi implantada na MULTIRIO em 2001 com o propósito de promover uma interlocução entre a produtora e a rede de ensino da Prefeitura do Rio de Janeiro.

Este ano, a AI estruturou sua proposta a partir do planejamento do E/DGED.

Uma das atividades será a participação no 5º Seminário de Educação Infantil: Revendo Fazeres, a ser realizado de 12 a 14 de julho. Nos dois últimos dias do evento profissionais da Assessoria de Integração da MULTIRIO estarão presentes na oficina Leitura de Imagem.

Entre outros projetos, a assessoria também participa dos grupos de trabalho com professores de sala de leitura das escolas municipais. São encontros mensais com dois grupos diferentes promovidos pela Divisão de Mídia da SME, em que são utilizados os produtos da MULTIRIO que tratam de temas como literatura e mídia, por exemplo. O objetivo da iniciativa é discutir o cotidiano dessas salas e como contribuir para a melhoria das atividades realizadas com os estudantes.

Expressão de brasilidade



É senso comum afirmar que o Brasil é o país do futebol. Depois de cinco campeonatos mundiais, não há qualquer outro esporte que misture alegria e tristeza, paixão e ódio como o futebol, que há mais de um século movimentava campos, quadras e várzeas e faz parte do imaginário coletivo brasileiro. Tanto assim, que tendemos a acreditar que somos, como estampado no novo uniforme da Seleção Brasileira, “nascidos para jogar futebol” – um *slogan* que soa tão estranho em nosso idioma quanto tantos outros criados nas terras dos patrocinadores oficiais para vender seus produtos nos mercados globalizados. “Testados em campo de várzea” talvez refletisse melhor a realidade desse contingente de brasileiros sobreviventes de uma infância de dificuldades que hoje praticam o melhor futebol do planeta. Mas de onde vem essa relação tão estreita com uma bola chutada por 22 homens de um lado para o outro até cruzar uma linha branca desenhada no chão entre duas traves? Por que o futebol e por que justamente o Brasil? Como esse esporte criado em terras estrangeiras veio a se tornar uma definição tão precisa de brasilidade? A resposta a essas perguntas nos leva a examinar aspectos da história e da cultura brasileira que custaram décadas para ser construídos.

O futebol surgiu na Inglaterra em meados do século XIX e rapidamente se transformou em esporte de massa. Com a expansão militar, econômica e industrial vivida pelos ingleses na época, alguns de seus hábitos foram assimilados pelos povos das terras em que se estabeleceram como colonizadores ou nações com as quais tivessem criado laços comerciais. Suas empresas e indústrias se espalharam por todo o mundo. No Brasil, os negócios ingleses deixaram sua marca nas cidades, sobretudo, na implantação da infraestrutura urbana e da indústria têxtil.

Como resultado, colônias inglesas de trabalhadores especializados se formaram nesses rincões, trazendo consigo o hábito já estabelecido em seu país de jogar futebol. Os marinheiros que aqui aportavam, em suas horas de folga, usavam os espaços dos portos para praticar o esporte. No Brasil e em outros países que sofreram influência britânica o futebol logo se espalhou entre a elite local e as camadas populares.

Parte desse sucesso pode ser explicada por méritos próprios. Trata-se de uma atividade de baixo custo que dispensa equipamentos especiais para a sua prática, ao contrário de outros esportes.

A única exigência é que exista uma bola, que pode ser feita até mesmo de meia. Qualquer espaço serve de campo a uma partida e com pedras ou sapatos improvisam-se duas traves em cada metade do campo. As regras também são de fácil assimilação: o essencial é que os pontos passem a ser contados quando a bola chutada ultrapassa a linha do gol adversário. Mais nada.

Mas não foi fácil ser assimilado como esporte pela sociedade da época. “As pessoas tinham que ser convencidas de que jogar futebol não era algo tão esquisito assim. Para as nossas elites, soava estranho rapazes ‘distintos’ usarem calças curtas e correrem como crianças atrás de uma bola, chocando-se. Ao chegar nas cidades do Brasil, o futebol era visto com maus olhos”, explica o professor de geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Gilmar Mascarenhas, que pesquisa a relação entre o esporte e as cidades.

Além disso, não se valorizava a atividade física. A cultura escravista separava a sociedade em castas: os homens livres que não faziam esforço físico e conseqüentemente não desenvolviam musculatura e os pobres, a “ralé”, encarregada

TEXTO

FABIO ARANHA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



do trabalho braçal, que favorecia a formação de músculos. Até fins do século XIX ter músculos era sinal de degradação.

Mas o Brasil refletia a transição do Império para a República, proclamada em 1889. Era uma nação sedenta por romper com seu passado colonial escravista. Para as elites locais, o modelo a ser seguido era o europeu, em que sociedades como a inglesa e sobretudo a francesa viviam a efervescência cultural da chamada Belle Époque. Praticar esporte era prestigiado na Europa. Jogar futebol passou a representar um atestado de modernidade.

Primeiros clubes – Muito embora a bola já rolasse em campos improvisados por marujos ingleses e funcionários de fábricas europeias recém-instaladas aqui, o ano oficial do início dos jogos de futebol em terras brasileiras é 1894. Nesse ano, o paulistano e filho de ingleses Charles Miller voltava ao Brasil depois de 10 anos de estudos na Inglaterra para trabalhar em uma firma inglesa instalada em São Paulo. Em sua bagagem trazia camisa, calção, chuteiras e duas bolas oficiais. Ao chegar, ensinou os fundamentos do novo esporte a seus amigos – todos eles membros

de abastadas famílias paulistanas –, montou duas equipes e organizou a primeira partida com regras estritamente inglesas no país.

O futebol também já vinha sendo praticado nos colégios religiosos aqui instalados. Ordens como as dos jesuítas, maristas e lassalistas tinham a prática esportiva como elemento de formação em suas escolas. Depois de passar séculos a condená-lo, a Igreja Católica enxergou no futebol uma forma de canalizar para o “bem” os impulsos primitivos dos jovens. Com o corpo em atividade, eles poderiam “descarregar” sua energia, o que seria melhor do que fosse consumida por sexo, brigas, vícios ou outras atividades menos edificantes do ponto-de-vista da religião. Com esse entendimento, a Igreja passou a fomentar o esporte.

A iniciativa de Charles Miller fez surgir os primeiros clubes no Brasil, inspirados na cultura associativista, um traço marcante da sociedade britânica. Em 1896, o São Paulo Athletic Club, fundado oito anos antes, incorporou o futebol a suas atividades esportivas. Surgiram também o Sport Club Germânia (1889), o Mackenzie Athletic Association (1898), o Sport Club ▶





O professor Gilmar Mascarenhas pesquisa a relação entre o futebol e as cidades na Uerj

Identidade nacional – Quando o futebol começou a se difundir por aqui o país era, na definição do historiador Caio Prado Júnior, um “arquipélago econômico”. Havia uma malha ferroviária pequena e uma malha rodoviária menor ainda. Foi Getúlio Vargas, a partir de 1930, que empreendeu um grande esforço para integrar o território nacional. Eram vários *brasis*, cada qual com seu sotaque. Havia ainda o abismo que separava o homem do campo do homem urbano. Era um desafio para Vargas criar uma idéia de nação num país com culturas tão diferentes. Assim, ele recorreu a uma ferramenta que se provou extremamente eficaz: o rádio. Foi através do rádio que a voz do presidente chegou aos mais distantes rincões do país.

A Copa de 1938, na França, foi um marco para o crescimento do futebol e de sua influência na construção da identidade nacional. A Confederação Brasileira de Desportos (CBD), com o apoio de jornais, promoveu uma campanha de arrecadação de fundos para levar a Seleção até a França. A imprensa fazia questão de mostrar que as manifestações de apoio ao selecionado brasileiro vinham de todo o país. Milhares de torcedores esperavam ansiosamente na frente dos prédios das redações para saber os resultados dos jogos da Seleção. O cidadão comum estava envolvido com os destinos do futebol. Durante o torneio – o primeiro a ser transmitido ao vivo pelo rádio –, o presidente comentava os jogos da Seleção em seus pronunciamentos radiofônicos e exortava a população a torcer pelos “defensores da pátria”. Foi o primeiro chefe de Estado a valorizar dessa maneira o futebol. Vargas queria que os brasileiros vissem a Seleção como uma expressão da pátria.

De acordo com Plínio Negreiros, a Copa da França “contribuiu, de forma decisiva, para fazer com que o futebol consolidasse seus vínculos com a sociedade brasileira. (...) Simbolicamente, reforçou a idéia de que não era uma mera disputa esportiva, mas uma provação com o intuito de mostrar a força do Brasil, de seu povo (...) Isso permitiu que se reacendessem velhas questões acerca do potencial do país, enquanto uma verdadeira nação, forte o suficiente para não ser prejudicada no campo esportivo”. No fim,

Internacional (1898) e o Clube Atlético Paulistano (1900). Em 1902, foi realizado o primeiro campeonato do Brasil na capital paulista.

O impulso inicial de São Paulo influenciou outros estados a organizar clubes e campeonatos. Em Campinas, surgiu a Associação Atlética Ponte Preta (1900) e no Rio de Janeiro o Fluminense Football Club (1902), o Rio Football Club (1902), o Botafogo Football Club (1904), o América Football Club (1904) e o Bangu Athletic Club (1904). Flamengo e Vasco da Gama já existiam desde o fim do século XIX, mas se dedicavam à prática do remo. Ambos aderiram ao futebol mais tarde: o primeiro em 1911 e o segundo em 1915. A partir de 1900, surgiram agremiações de futebol também no Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Recife e Salvador.

De meados da década de 1910 até o fim dos anos 1920, o futebol se disseminou e se popularizou pelo país. De acordo com o historiador Plínio José Labriola de C. Negreiros¹, muita coisa contribuiu para isso: o processo de metropolização de algumas cidades, que fez com que o esporte cumprisse o papel de adaptar a população urbana ao ritmo industrial que se impunha; o aparecimento da radiodifusão, que permitiu que a transmissão de partidas de futebol alcançasse um número cada vez maior de público; e as transformações ocorridas na imprensa esportiva escrita, que se tornou a peça-chave na promoção do esporte e na motivação dos torcedores.

¹NEGREIROS, Plínio José Labriola de C. *O futebol e a identidade nacional: o caso da copa de 1938*. Educação Física y Deportes, n. 10, maio de 1998. Disponível em <http://www.efdeportes.com/edf10/copa38.htm>.

o Brasil ficou em terceiro lugar, primeiro resultado expressivo em mundiais. Ao desembarcar no Rio os jogadores brasileiros foram recebidos como heróis pela população aglomerada na Praça Mauá.

Depois da Copa da França, a radiodifusão continuou a levar o futebol país afora. As partidas eram transmitidas para todo o território nacional. O Rio de Janeiro tinha o sistema de radiodifusão mais potente do Brasil e as transmissões realizadas aqui eram ouvidas por toda a nação, chegando até mesmo ao Norte e Nordeste. Não é por acaso que o Flamengo tem hoje a maior torcida do Brasil e que Fluminense, Botafogo e Vasco conquistaram torcedores em todo o país.

A realização da Copa de 1950 no Brasil – mesmo com a derrota dramática em pleno Maracanã para a seleção do Uruguai – reforçou ainda mais o esporte como paixão nacional. O mesmo pode ser dito da conquista das copas de 1958 e 1962. O Brasil ingressava definitivamente na elite do futebol mundial. Era uma demonstração da força do país e a consolidação de um sentimento de orgulho nacional em relação à Seleção Brasileira, reiterado pela vitória no México em 1970.

Palcos nobres – O governo militar que se instalou no país depois do golpe de 1964 também contribuiu para unificar o futebol, considerado pelo regime como estratégico na manutenção da ordem e do *status quo*. Nesta perspectiva, os militares, primeiramente, investiram para manter no país os principais craques. Também criaram a loteria esportiva, que permitia à população apostar em partidas dos campeonatos de todos os estados. Investiram pesado na construção de grandes estádios por todo o Brasil, com destaque para o Nordeste, de forma a enraizar o futebol no inconsciente coletivo. Em alguns casos, nem mesmo havia público para o tamanho do investimento. Maceió, por exemplo, era uma cidade com cerca de 180 mil habitantes em 1970, quando foi construído o estádio Rei Pelé. Na época, lá cabiam 110 mil pessoas, ou seja, mais da metade da população da capital alagoana. Era uma completa desproporção.

Antes de 1964, existiam poucos grandes estádios, como o do Maracanã, inaugurado em 1950 para a Copa do Mundo, e o do Morumbi, aberto em 1960. Durante o governo militar foram inaugurados o Mineirão em Belo Horizonte (1965), o Beira-Rio em Porto Alegre (1969), o Rei Pelé ou Trapichão em Maceió (1970), o Vivaldão em Manaus (1970), o Fonte Nova (reformado e reinaugurado em 1971), o Morenã em Campo Grande (1971), o Arruda no Recife, (1972), o Castelão em Fortaleza (1973) e o Serra Dourada em Goiânia (1975), entre outros. A existência desses estádios permitiu que a Seleção Brasileira e grandes times do Sul e Sudeste jogassem nas outras regiões.

“A criação desses estádios cria um palco nobre para valorizar o futebol. São construções que têm uma centralidade significativa, uma presença física e arquitetônica muito grande nessas cidades. Elas têm uma importância simbólica, trazem grandes eventos e jogos para esses locais. Também cria-se público para os jogos pela política do regime militar de manutenção de ingressos baratos. Domingo torna-se dia de futebol em cada estado do país”, afirma Gilmar Mascarenhas.

A ação política dos governos da ditadura possibilitou ainda a criação do Campeonato Brasileiro, em 1971, a primeira competição organizada e realmente participativa a reunir clubes de todo o Brasil. Os militares investiram na ampliação da malha rodoviária – começada por Juscelino Kubistchek –, ligando as regiões do país. A falta de conexão até aquele momento dificultava a criação de um campeonato nacional longo, com a participação de um grande número de times. A tradição era a de campeonatos estaduais e no máximo regionais, como era o caso da Taça Rio-São Paulo, tida como febre entre 1950 e 1966.

Futebol e guerra – Hoje, o futebol brasileiro já atingiu a integração tão almejada. Mas, apesar de fenômeno nacional e internacional, é um esporte essencialmente local, regional. Na maioria dos países europeus, os clubes surgiram representando cidades ou regiões. Já no Brasil foram criados para representar bairros dentro de uma mesma cidade. A rivalidade entre os clubes locais foi um fator que ajudou a ►



SAIBA MAIS

Livros

- DA MATTA, Roberto (org). *O universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- PEREIRA, Leonardo A. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, 374p.
- MASCARENHAS, Gilmar. *Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, CPDOC (Fundação Getúlio Vargas), n. 23, p. 17-39, junho de 1999. Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/257.pdf>

Site

- Século XX1 - chave Esporte
- www.multirio.rj.gov.br/seculo21



umentar a popularidade do futebol, cada um deles com sua legião de torcedores que compareciam às partidas para incentivar seu time contra os adversários do bairro vizinho.

“O futebol faz parte da cultura dos brasileiros. Os clubes preferidos de cada um põem em jogo uma série de diferenças – de bairro e região – econômicas que serão resolvidas em campo e nas arquibancadas de forma simbólica, constituindo-se, dessa forma, em um depositário de desejos e poderoso fator de identidade. Mas todas essas diferenças são deixadas de lado no momento em que a Seleção entra em campo, especialmente na Copa do Mundo”, comenta o antropólogo Antonio Holzmeister, cuja tese de doutorado no Museu Nacional da UFRJ trata da nova economia do futebol.

Esse elo emocional que se cria entre torcedores e clubes explica muito

da dimensão que o futebol alcançou em todo o mundo. “Você não vai ao estádio para apreciar o espetáculo, como acontece em esportes como natação, golfe e atletismo. Você vai é torcer pelo seu clube. Os torcedores querem que o time ganhe e seja campeão, mesmo que jogue feio. É um outro tipo de vínculo”, ressalta Gilmar Mascarenhas.

O futebol tem a capacidade de criar esse vínculo emocional. Uma das razões é porque se trata de um esporte coletivo e por isso é mais fácil associar a equipe a um exército, em que 11 homens vão defender uma nação, uma cidade ou um bairro. Uma equipe expressa muito mais o sentido de coletividade do que um só atleta. O futebol é uma simulação de batalha campal em que um time precisa invadir o território adversário e feri-lo mortalmente fazendo um gol. Basta lembrar que o jogador que marca o maior número de gols em um time é o *artilheiro*. No imaginário coletivo, a vitória no esporte demonstra que o vencedor tem mais força, inteligência, habilidade, astúcia e coragem que seu adversário. Ao levar em conta que

Futebol e cinema

VICTOR ANDRADE DE MELO*

Na sociedade contemporânea, o futebol praticamente se impõe em cada pedaço desse mundo globalizado. Não surpreende, portanto, que existam mais países ligados à Fifa do que à ONU.

Se o futebol é uma grande paixão mundial, o cinema não é um amor menor. Os heróis e heroínas, os vilões e vilãs, as estrelas cinematográficas e seus comportamentos inundam o nosso imaginário. Formas de ser e de se portar, utopias e sonhos, difundidos pelas películas, habitaram o cotidiano de pessoas de todo o mundo: nada parece ter passado despercebido aos cineastas e seus filmes.

Assim, quando discutimos as relações entre futebol e cinema, estamos certamente narrando os encontros e desencontros entre duas paixões universais, diferentes mas profundamente relacionadas.

Curiosamente, a mais popular das práticas esportivas contemporâneas está, em certo sentido, menos representada no cinema mundial, ainda mais quando o comparamos a outros esportes, como o boxe (este, quase um gênero à parte).

De qualquer forma, não se pode dizer que o futebol não esteve presente nas películas. Por exemplo, podemos citar um dos mais relevantes filmes que tentou levar o esporte às grandes telas, *Fuga para a vitória* (1981), dirigido por John Huston, estrelado por grandes nomes do cinema como Sylvester Stallone e Michael Caine, e do futebol (como Pelé e Bobby Moore). Lembramos ainda de *Febre de bola* (David Evans, 1997), *Meu nome é Joe* (Ken Loach, 1998), *A Copa* (Khyentse Norbu, 1999), *Driblando o destino* (Gurinder Chadha, 2002), entre outros.

É interessante identificar o lugar que o Brasil – sejam seus jogadores ou seus símbolos – ocupa em muitas dessas películas, ainda que de forma bastante estereotipada. Parece um mistério que alguns cineastas desejem entender: a qualidade e vigor do futebol brasileiro; quase um ato de reverência.

E no país do futebol, como o cinema o representou? Segundo levantamento que realizamos em mais de 4.500 longas-metragens brasileiros, entre 206, que de alguma forma representam o esporte, 119 trazem algo relacionado ao futebol. Obviamente que esse grau de presença é muito

em disputas internacionais os atletas representam uma nação inteira, são qualidades que passam a valer para todos os seus compatriotas.

A auto-estima de uma nação está muito ligada ao desempenho esportivo. É claro que conquistas em outras áreas, como a ciência, as artes e a política também enaltecem um país, mas o esporte é muito mais próximo da massa. O Brasil é um país em que todos jogam futebol, do rico ao mais pobre. Os atletas são normalmente pessoas de origem humilde, como a maior parte da população. Portanto, é muito mais fácil criar uma identificação do povo com os esportistas, sobretudo, os jogadores de futebol.

Gilmar Mascarenhas lembra de Sigmund Freud, o pai da psicanálise, que chegou a ver o futebol jogado em grandes estádios nos anos 1920 e 30. "Ele explicava da seguinte forma o que afirmava ser um pacto emocional formidável entre o espectador e o jogador que entra em campo: o espectador sofre emocionalmente pelo êxito

e pela glória do jogador; em contrapartida, este sofre fisicamente pelo prazer e júbilo do torcedor", afirma o professor.

Para o antropólogo Roberto Da Matta, o futebol também se destaca por sua imprevisibilidade. Esportes como o basquete e o vôlei são extremamente racionais, ou seja, o melhor quase sempre ganha e se marcam muitos pontos. No futebol, os gols são raros, por isso o melhor nem sempre prevalece. O fator acaso é fundamental. Às vezes, um único erro humano ou um lance de sorte pode decidir um jogo ou até um campeonato inteiro. Daí a se construir uma série de atribuições mágicas, sobrenaturais, aos acontecimentos do futebol é um pequeno passo. Ou seja, criam-se lendas, superstições e tradições que tornam o futebol mítico.

No Brasil, há um inegável fator que garante o amor dos torcedores pelo futebol, geração após geração: nós somos os melhores do mundo. "O futebol brasileiro e seus jogadores são o produto ►



variável, havendo desde breves citações (por exemplo, em *Ópera do malandro*, 1985, de Ruy Guerra, há uma cena em um estádio); algum personagem da trama que é jogador (como no caso de *Bossa nova*, 2000, de Bruno Barreto; ou *O casamento de Louise*, 2001, de Betse Paula); passando por aqueles onde ocupa um espaço de relativa importância (como em *Rio 40 graus*, 1955, de Néelson Pereira dos Santos), até aqueles em que é assunto central.

Entre esses últimos, vários são os assuntos abordados: clubes de futebol (caso de *Flamengo paixão*, 1980, de David Neves), copas do mundo (por exemplo, *Brasil bom de bola*, 1971, de Carlos Niemeyer), jogadores de futebol (*Garrincha, alegria do povo*, 1963, de Joaquim Pedro de Andrade), questões de gênero (*Onda nova*, 1983, de José Antônio Garcia), dificuldades da carreira de jogador (*Asa Branca, um sonho brasileiro*, 1981, de Djalma Limongi Batista), relações com a política (*Pra frente Brasil*, 1982, de Roberto Farias), entre muitos outros.

Há ainda duas facetas menos conhecidas do grande público que devem ser citadas quando falamos da presença do futebol nas telas nacionais. Uma delas é o grande nú-

mero de imagens documentais que podemos encontrar nos cinejornais, programas que antigamente eram exibidos antes do filme principal, cujo principal destaque é o *Canal 100*. A segunda, os muitos curtas-metragens, cujo número tem sido crescente nos últimos anos. Como destaque, citamos *Uma história de futebol* (1998, de Paulo Macline), que disputou o Oscar de melhor curta.

Enfim, como um caminho de via dupla, cinema e futebol se influenciaram e dialogaram constantemente. E esse percurso nos permite vislumbrar uma possibilidade de compreender os discursos acerca da sociedade, determinadas representações, certos mitos. Estar atento a isso, como recurso de investigação, como possibilidade pedagógica ou como maneira de ampliar nosso prazer, é uma necessidade e um desafio para todos nós, pesquisadores, estudiosos, interessados ou fãs.

*Professor do Departamento de Ginástica da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho (UGF).



Antônio Holzmeister estuda a nova economia do futebol

brasileiro de exportação de maior sucesso. As cinco conquistas em copas do mundo e as vitórias das equipes brasileiras em competições intercontinentais contribuíram para o sucesso do nosso futebol no exterior. O futebol passa uma imagem à população de sucesso e de eficiência perante às nações mais desenvolvidas”, lembra Antonio Holzmeister.

A razão é simples: nenhum país investe tantos recursos humanos nesse esporte como o Brasil. Somos uma nação de 170 milhões de habitantes que tem no futebol sua referência esportiva quase que única. Para produzir um craque, o país põe em atividade milhares de meninos a cada ano. Nenhum outro país tem tanta gente jogando. Além disso, a nossa juventude é pobre, sem perspectivas de emprego e educação, que nutre o sonho de ascender socialmente através do esporte. São meninos que passam até oito horas por dia jogando em campos de terra batida e carregam consigo a esperança e a pressão de dar uma vida melhor a suas famílias e a si.

Mas o custo social dessa máquina de produzir craques é alto. “O futebol é uma máquina perversa. Para cada jogador médio que produzimos, temos inúmeros meninos que investiram seus melhores anos no sonho de se tornar um grande jogador, mas acabaram se frustrando e ficando sem um rumo profissional”, frisa Mascarenhas.

O professor comprova sua tese com números. Dados da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) mostram que 80% dos jogadores profissionais brasileiros ganham até dois e 92% até cinco salários mínimos. Sem contar que a maioria só tem emprego durante quatro ou cinco meses do ano, pois os clubes pequenos fazem contratos apenas para a disputa dos campeonatos estaduais. A dificuldade de alcançar su-

cesso neste esporte não impede, porém, que ele continue a ser o sonho de milhares de jovens brasileiros. Sonhos de fama, *status* e riqueza, que aumentam com a quantidade cada vez maior de dinheiro que circula no meio do futebol, hoje visto como mercadoria (Ver matérias páginas...).

Vínculos perdidos – Em consequência, as relações entre torcedores, jogadores e clubes também mudaram. As mudanças fizeram com que a transferência de jogadores brasileiros para o exterior aumentasse vertiginosamente. A perda de muitos dos nossos craques para as equipes globalizadas da Europa – e até para mercados secundários, como Japão e Coréia do Sul, que pagam bem – fez com que não sobrassem jogadores com os quais se identificar no país. “A nova economia do futebol afeta o jogo e a torcida, seja em função da supercomercialização do futebol, seja em função da superprofissionalização dos jogadores, que não têm mais vínculos com clubes e torcidas específicas em função de sua supermobilidade. Este processo é bom ou mau para o futebol e seus torcedores, mas é necessário entendê-lo e aprender com a experiência do futebol europeu para podermos fazer a estrutura do futebol brasileiro compatível com suas conquistas”, ressalta Holzmeister.

Para Gilmar Mascarenhas, essas mudanças diminuem o vínculo entre torcedor e clube e jogadores. “Todos vêem que há muito dinheiro envolvido no futebol. Antigamente, os jogadores ganhavam muito menos do que hoje e tinham uma fidelidade com o clube que não existe mais. Isso ajudava a criar uma identidade do torcedor com o ídolo e o clube. Hoje, ele sabe que o jogador está ali principalmente por dinheiro e que pode trocar de time. O clube pelo qual você torce pode estar bem, mas se perder o patrocinador, os melhores jogadores serão vendidos. Há um distanciamento emocional. Hoje, o torcedor troca o estádio pelo espetáculo da TV”.

Mesmo com todas as mudanças verificadas no tempo, o futebol continua a ser um elemento central na cultura brasileira. O esporte que é febre nacional tem inegável importância para nossa autoimagem, da idéia que fazemos de nós mesmos e de nosso lugar no mundo. ■

